

O GATO E O ESCURO:
MIA COUTO E SUA “INSÓLITA” LINGUAGEM

O GATO E O ESCURO
MIA COUTO AND HIS “UNEXPECTED” LANGUAGE

*Maria Teresa Gonçalves Pereira*¹

RESUMO

A inclusão de textos de autores das literaturas africanas de Língua Portuguesa no acervo para crianças e jovens torna-se relevante à medida que o leitor se conscientiza dos elementos formadores de seu povo, o que contribui para sua identidade. Mia Couto materializa essa vertente, conjugando tradição e modernidade, sob um tratamento poético da palavra cuja inventiva instiga o leitor. A realidade e a imaginação estão imbricadas. O viço de sua prosa singular à primeira vista causa um estranhamento que, no decorrer da leitura, transforma-se em pura magia estética. O espaço significativo reservado ao não verbal confere à narrativa elementos visuais que reforçam essa africanidade, complementando a história.

Palavras-chave: Mia Couto – literatura africana de língua portuguesa – (re)criação estética – linguagem não verbal

ABSTRACT:

The inclusion of texts by African Portuguese-language authors to the collection for children and young people becomes relevant to the extent that the reader becomes aware of the formative

¹ Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ, em 1990 e o Pós Doutorado em Leitura na PUCRS, em 2008. É professora titular de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UERJ, com dedicação exclusiva, e procientista (UERJ/FAPERJ) . Atuou(a) como professora convidada em instituições particulares na pós-graduação lato sensu. Publicou(a) em periódicos, anais e livros na área da Leitura e da Língua Portuguesa nacionais e internacionais. Coordenou(a) o Mestrado e o Doutorado em Língua Portuguesa e a Pós-Graduação Stricto Sensu da UERJ .



elements of his people, which contributes to their identity. Mia Couto materializes this strand, combining tradition and modernity, under a poetic treatment of the word whose inventiveness instigates the reader. Reality and imagination are intertwined. The exuberance of his singular prose, at first sight, causes a strangeness that, in the course of the reading, turns into pure aesthetic magic. The significant space reserved for the non verbal confers to the narrative the visual elements that reinforce this Africanity, which complements the story.

Keywords: Mia Couto - African Portuguese language literature - (re)aesthetic creation – non verbal language

Como destaca Umberto Eco (2003), a tradição literária refere-se ao conjunto de textos construídos pela humanidade, isentos de função prática e lidos para o entretenimento, sem outros fins que não o puro deleite, consumidos pelo prazer da leitura. Para não se tornar incompreendido e para que o texto literário seja entendido como mero passatempo, Eco aponta as funções que a literatura desempenha tanto na vida individual como social do sujeito. Uma delas é o papel de manter em exercício a língua como patrimônio cultural, exemplificando com a unificação da italiana pela obra de Dante, de modo que, ao contribuir para formar a língua, a Literatura “[...] cria identidade e comunidade.” (2003, p.11). Por seu caráter polissêmico e singular, “as obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades, da linguagem e da vida” (2003, p.12).

O texto literário, em sua elaboração, por meio da linguagem, carrega uma força humanizadora, levando em conta que, como observa Candido, “[...] satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo.” (1995, p. 240)

Explicando o próprio entendimento de humanização, Candido (1995, p. 249) afirma:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Toda palavra ficcional arrebatava o leitor para um tempo e um espaço que não são os seus. Para Debus (2017, p. 22), “desse modo, ele experimenta um viver distante, ao mesmo tempo tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar o seu viver”.

Se ler o outro e sobre o outro revela importância fundamental na formação do leitor, ainda, conforme Debus (2017, p. 22), “o contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada do mundo”.

A África - nos referimos sempre ao mais antigo continente no singular -, é plural. O chamado berço da humanidade é também o celeiro de ricas e múltiplas culturas. Parte delas chegou ao Brasil nos navios negreiros, mas aqui a semente floresceu com exuberância, lutando contra todas as adversidades. Os brasileiros, independentemente de sua carga genética, hoje carregam uma parte de sua magia.

Uma história que certa vez ouvi num evento se encaixa aqui perfeitamente:

Numa rua de uma pequena cidade de Moçambique, um garoto descalço aborda uma estudante que carrega um livro debaixo do braço. No meio da capa, está a foto do autor. O garoto vê nessa foto um homem que conhece.

- Esse livro é do Mia Couto? – pergunta.

A estudante, surpreendida, diz que sim, que é de Mia Couto. Então o garoto arranca o livro das mãos da estudante e corre até a casa de Mia Couto, onde sua mãe trabalha de empregada. Vai lhe devolver o livro, pois lhe pertence. Vai restituir o livro ao seu autor.

Aprendendo a ler, o garoto certamente mudaria sua ideia de propriedade. No ato de ler, um livro substitui sua condição de objeto que tem dono para se converter num ser vivo, capaz de nos interrogar, de nos perturbar e de nos ensinar a olhar zonas ainda não compreendidas de nós mesmos.

Assim, com tal mote, chegamos ao autor – Mia Couto - e, por extensão, à sua obra e à sua linguagem.

O que é uma linguagem insólita? Aliás, o que é insólito? Diferente, esquisito, incomum, instigante, surpreendente...

As palavras tomam acepções diferentes, em situações diferentes, mantendo, entretanto, um denominador comum de sentido.

Na questão do insólito, o que me parece relevante é que qualquer definição que lhe atribuamos passa, sobretudo, por tocar, por sensibilizar. Então, é o que estimula, instiga, reflete, independentemente do grau de compreensão que possibilita à primeira vista.

Insólito na linguagem, talvez apontasse, por exemplo, para Guimarães Rosa, Manuel de Barros, um na prosa, outro na poesia, reconhecidas inspirações de Mia Couto. Valho-me desse escritor moçambicano já bem conhecido dos brasileiros, pelo menos de nome. Esperemos que os textos também, com leitura efetiva.

Recorro a um seu livro “infantil” – *O gato e o escuro* –, para sublinhar a situação “insólita” de se rotular uma literatura de infantil. Parece-me excelente oportunidade para questionar a abordagem da escrita de um autor em relação apenas à extensão do texto, não à sua qualidade materializada pela linguagem. Como em todas as obras, Mia Couto está lá inteiro, com as características que o constituem literariamente.

Antes, a apresentação do autor, em *O gato e o escuro*, é essencial:

Não sei se alguém pode fazer livros “para” crianças. Na verdade, ninguém se apresenta como fazedor de livros “para” adultos. O que me encanta no acto da escrita é surpreender tanto a escrita como a língua em estado de infância. E lidar com o idioma como se ele estivesse ainda em fase de construção, do mesmo modo que uma criança converte o mundo inteiro num brinquedo. Eu penso assim e, por todas estas razões, nunca acreditei que, um dia, eu escreveria uma história que iria constar de um livro infantil. Mas sucedeu assim. À força de contar histórias para meus filhos adormecerem, inventei uma convicção para mim mesmo e acredito que invento histórias para que a Terra inteira adormeça e sonhe. O escritor traria, assim, o planeta ao colo.

Espero que o gatinho que habita estas páginas possa afastar ideias escuras que temos sobre o escuro. A maior parte dos medos que sofremos, crianças e adultos, foi fabricada para nos roubar curiosidade e para matar a vontade de querermos saber o que existe para além do horizonte.

Esta é uma história contra o Medo.

Sou um escritor de um país africano chamado Moçambique. Nesse país fala-se português como no Brasil. Tenho 52 anos e, para além de escritor, sou biólogo e trabalho com os bichos e as plantas da minha terra. Nasci numa cidade pequena à beira do Oceano Índico. Ali aprendi a ser menino para toda a vida. A maior parte dos habitantes da minha terra não sabe ler nem escrever. Mas eles sabem contar histórias. E sabem escutar. São pessoas que guardam essa meninice dentro de si e acreditam que esse olhar de criança é importante para ser feliz e produzir felicidade para os outros. Eu quis muito que os meus filhos aprendessem a escutar os outros, a escutar a Vida. Se fizermos como o gato desta história, o Mundo inteiro se transforma num brinquedo. E nós poderemos, então, perder o medo de sermos felizes.

A ilustração do livro da premiada artista plástica Marilda Castanha é insólita também, no sentido do que as imagens provocam, agindo mais na mente do leitor do que só na impressão visual que causam, do “agradável e bonito” para contemplação. À primeira vista, as imagens parecem herméticas, um tanto surreais. A interação com o texto, no entanto, desfaz qualquer possível dificuldade. Acentua e potencializa a palavra escrita, já que a ilustradora se utiliza de imagens com traços que lembram motivos africanos; o não verbal ocupa espaço ao lado do verbal para a leitura plena se efetivar.

Para Grazioli e Coenga (2013, p. 26),

Ficcionalizando o processo de leitura, então, a narrativa sugere uma construção que olha para si mesma, apontando para o seu processo, refletindo criticamente sobre os mecanismos utilizados na escritura e construindo, de certa forma, um modo de como deve ser lida. As ilustrações da leitura no livro salientam, indiretamente, a fascinação da leitura e, também, da escrita, no sentido de orientar o entendimento de um sistema que possa “explicar” a sua construção poética ou algum modo revelar os seus mecanismos narrativos.

No léxico e na sintaxe, Mia Couto instiga, surpreende. Recursos linguístico-expressivos:

fonéticos/fonológicos, morfossintáticos e léxico-semânticos se misturam para instaurar uma realidade encantatória, ao mesmo tempo forte e incisiva. Os neologismos nos revelam termos integrados ao texto, naturais e significativos para a complexidade da narrativa. Dão-lhe cor, identidade peculiar, completando o estilo do autor de expressar-se.

A língua portuguesa/“estrangeira” é a base para as representações linguísticas levadas a cabo.

Não desenvolverei a história para não minimizar o prazer dos futuros leitores. Apenas adianto que *O gato e o escuro* tematiza o medo do escuro, tendo como personagem um gato que se chama Pintalgato.

De maneira geral, o texto se desenrola entre a realidade e a imaginação, em se tratando também da linguagem. A linguagem “real” dialoga, brinca, interage com a linguagem “trabalhada”, manipulada, experimentada, transformando o texto numa teia única, difícil de ser desembaraçada para que se perceba onde se situam os limites, as fronteiras. Não as há. E a constatação vem naturalmente, quando o leitor penetra surda ou sonoramente, pegando carona em Drummond, no universo linguístico do autor. Somos envolvidos pela magia, sem perdermos a noção - o que me parece fundamental - de que existe ali uma celebração da Língua Portuguesa, de qualquer sotaque. A Língua Portuguesa dos ancestrais, usada agora por um usuário de Moçambique.

Creio que os fragmentos a seguir mostram termos e expressões que servem de motivação para se ler a obra e ratificam o que tento desenvolver. Evidentemente a leitura completa da narrativa possibilitará a compreensão plena.

Pintalgato chegava ao poente e espreitava o lado de lá. Namoriscando o proibido, seus olhos pirilampiscavam.

Certa vez, inspirou coragem e passou uma perna para o lado de lá, onde a noite se enrosca a dormir.

À medida que avançava, seu coração tiquetaqueava. Temia o castigo. Fechou os olhos e andou assim, sobranceado, noite adentro. Andou, andou, atravessando a imensa noitidão.

Só quando desaguou na outra margem do tempo ele ousou despersianar os olhos. Olhou o corpo e viu que já nem a si se via.

Nada sobrava de sua anterior gateza. E o escuro, triste, desabou em lágrimas.

Pois eu dou licença a teus olhos: fiquem verdes, tão verdes que amarelos. E os olhos do escuro se amarelaram. E se viram escorrer, enxofrinhas, duas lagriminhas amarelas em fundo preto.

A mãe gata sorriu bondades, ronronou ternuras, esfregou carinho no corpo do escuro. Metade de seu corpo brilhava, arco-iriscando. Afinal?

Observamos que a linguagem de Mia Couto se funda essencialmente em prosa poética. Um “insólito poético” talvez. O fato é que, ao ler, criança, jovem, adulto, o encontro com o

autor provoca uma reação de estranhamento à primeira vista. Depois, vem o (re)conhecimento da língua materna em materialidade renovada e/ou tradicional, em matizes possíveis, às vezes, pouco explorados, mas sempre a Língua Portuguesa de todos nós, com seu infinito potencial de realizações funcionais e expressivas.

Antes de ser todo negro, o protagonista deste livro, um bichano irresistível, fora amarelo, “as malhas e às pintas”. Por isso, ganhou um nome bem adequado, Pintalgato.

Um dia, Pintalgato, de malhado ficou todo preto. Como essa transformação cromática aconteceu, é a história que Mia Couto se propõe a contar em *O gato e o escuro*.

Do “ex” gato pintado, o autor também rouba: toma para si o jeito felpudo de narrar, à maneira de quem escreve “com o pé nas costas”, no sotaque cadenciado de moçambicano e a vontade de trazer o “planeta ao colo”, como ele mesmo diz.

No fundo, há a história. A aventura de Pintalgato começa quando o gatinho, ao passar pela linha onde o dia faz fronteira com a noite – “faz de conta o pôr do sol fosse um muro” nas palavras do autor, desobedece sua mãe e adentra para o lado de lá, “onde a noite se enrosca a dormir”.

Tão logo se vê invisível em meio ao negrume, enche-se de medo. Aos poucos, porém, vai percebendo que todo aquele breu é feito de ternuras e descobertas.

De dentro do próprio escuro, esperto como ele só, Mia Couto inventa palavras para dar conta de seu apreço pela “meninice das línguas”. As ilustrações coloridíssimas enfatizam o frescor da narrativa.

No VIII Fórum de Estudos Linguísticos, em 2006, na UERJ, Mia Couto, proferindo a conferência de abertura, brindou-nos com um texto autoral sobre identidade, língua, literatura etc.

Eis algumas de suas reflexões (2007, p. 20):

Sobre a identidade da escrita

Mais que invenção de palavras, o que me tocou foi a emergência de uma poesia que me fazia sair do mundo, que me fazia inexistir. Aquela era uma linguagem em estado de transe, que se deixava possuir como os médiuns das cerimônias mágicas e religiosas. Havia como que uma embriaguez profunda que autorizava a que outras linguagens tomassem posse daquela linguagem.

Sobre a língua

A minha língua portuguesa, repito a minha língua portuguesa, é a pátria que estou inventando para mim. Essa língua nómada é viagem viajada, namorada de outras vozes e outros tempos. O importante não é tanto a língua, nem sequer o quanto ela nos é materna. Mais importante é essa outra língua que falamos mesmo antes de nascermos. Nesse registro está a porta e o passaporte em que todos nos fazemos humanos, fabricantes da palavra e, com igual mestria, criadores de infinitas identidades.

Sobre o Brasil

Esse país onde se inventa uma identidade dançada é o mesmo onde o italiano continua ensinando lambada, a mesma nação onde Guimarães Rosa vai tornando as palavras dançáveis. E como diz o provérbio moçambicano: quem dança não é o que levanta poeira; quem dança é aquele que inventa o seu próprio chão.

Leitores da palavra impressa ouvem frequentemente dizer que suas ferramentas são antiquadas, que seus métodos são ultrapassados, que precisam aprender as novas tecnologias ou serão atropelados, ignorados, considerados anacrônicos. Penso é que se deva (re)inventá-la, ao juntar palavras ao mundo, ao (vi)venciar nossas experiências por meio dessas palavras. Assim, talvez seja melhor nos concentrarmos no que define o ato de ler, na forma que usamos para nos entender e aos outros como seres por meio da imaginação. E isso Mia Couto faz em seu livro *O gato e o escuro*, trazendo para dentro de nós outro mesmo espaço, sustentado pela Língua Portuguesa de lá e de cá.

Santo Agostinho diz que o ato de ler é uma jornada através do texto. Viajemos, pois. Em tão boa companhia...

REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, Maria Teresa. **A Leitura, outra revolução**. São Paulo: Edições SESC, 2017.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura: vários escritos**. 3ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COUTO, Mia. **O gato e o escuro**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.
- COUTO, Mia. Conferência de Abertura. VIII Fórum de Estudos Linguísticos (2006). In VALENTE, André (org.). **Língua Portuguesa e identidades, Marcas culturais**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2007.
- DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. 1ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2017.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GRAZIOLI Fabiano Tadeu e COENGA, Rosemar Eurico. **Literatura infantojuvenil: leituras, questões, reflexões e experiências**. Erechim, Rio Grande do Sul: Habilis Editora, 2013.